



COM A DIFERENÇA TECER A RESISTÊNCIA  
3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero  
10 a 13 de outubro de 2017  
Campina Grande, Paraíba.

## **SIMPÓSIO TEMÁTICO 44: AS SEXUALIDADES NA ESCOLA: AVANÇOS E RETROCESSOS**

### **USO E ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO PIBID-FRANCÊS - UFRJ: ABORDANDO RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADES**

Sergio Luiz Baptista da Silva<sup>1</sup>

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a formação de professoras e professores de Língua francesa através de ações propostas pelo Subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso Letras-Francês da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para tal intento, analisarei o processo de elaboração e uso de material didático para ensino do Francês; sendo uma dentre outras ações propostas neste programa para formação docente.

O Subprojeto PIBID Francês tem por objetivo contribuir para a formação das/os futuras/os professoras/ores de Francês na Educação Básica, dentro de uma perspectiva plurilinguística do Ensino das Línguas Estrangeiras (LE) no Brasil.

O Ensino de línguas estrangeiras no Brasil ainda é visto pelo prisma da instrumentalização da aprendizagem da LE. A língua francesa durante muito tempo ficou como sinônimo de língua de cultura e de distinção de classe social. Somente a classe dominante aprendia este idioma. As orientações das nos Pcms e OCEM é para que se ensine a LE não apenas com objetivos de aquisições de competências linguísticas, mas que os aprendizes possam desenvolver a noção de cidadania. Diferentemente dos cursos livres de idiomas, o ensino de LE nos cursos regulares (ensino médio e fundamental), os professores devem, por uma postura democrática, apresentar o maior número possível de culturas

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vice-coordenador do Laboratório de Pesquisa em Movimento Sociais, Desigualdades e Diversidade de Corpo, Raça e Gênero (LADECORGEN). Membro e pesquisador do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Formação de Professores de Línguas (FORPROLI) (serggioluiz @uol.com.br)



**COM A DIFERENÇA TECER A RESISTÊNCIA**  
**3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero**  
**10 a 13 de outubro de 2017**  
**Campina Grande, Paraíba.**

expressas pelo LE ensinada, proporcionando aos alunos o desenvolvimento do conceito de alteridade e salientando os aspectos pertinentes à sua própria cultura. Portanto, propomos neste projeto às/aos licenciandas/licenciandos uma Abordagem Francófona do ensino do FLE. Sabemos que o Francês é falado nos cinco continentes e mais de setenta e sete países no mundo usam a língua francesa ou como língua oficial ou de expressão. O que é muito significativo do ponto de vista cultural. A Francofonia expressa culturas e identidades de povos diversos, podemos citar do francês, malgaxes, indochineses, magrebinos, belgas, etc. São muitos povos e etnias diferentes fazendo uso do Francês como língua de expressão de suas culturas. Destarte, os licenciandas/licenciandos poderão utilizar das TICES para criarem juntos com os professores supervisores um material digitalizado (“numérique”) para as aulas e oficinas de Francês na escola. Isto vai exigir de parte deles a vontade de investigação: deverão pesquisar a forma mais adequada à realidade pedagógica, o que vai leva-las/os ao estudo crítico das metodologias e abordagens preconizadas no ensino da LE em especial ao FLE.

O Brasil precisa e necessita formar professoras /professores competentes e conscientes de seu trabalho na área da LE. Com o crescimento econômico, apareceu com mais evidência a fragilidade do ensino de LE. Nos programas de Ciência Sem fronteira (já extinto), no aumento do turismo estrangeiro no Brasil, com os eventos de Copa do Mundo e Olimpíadas, constatou-se a necessidade de capacitar os estudantes e profissionais de áreas de diversas no que diz respeito aos conhecimentos específicos de seus estudos e também de aprendizagem dos idiomas estrangeiros. No entanto, o atual governo (2016) com a criação do “Novo Ensino Médio”, apesar de o discurso publicitário tentar difundir-lo como democrático, tornou o plurilinguismo uma quimera no ensino de Línguas. Isso tem gerado debates e disputas no campo linguístico brasileiro ao impor o ensino do inglês como disciplina obrigatória. Queremos que as/os licenciandas/os do PIBID saiam conscientes de seu papel político-pedagógico no exercício de sua docência. Capazes de generosamente, sem reduzir o ensino de LE ao pragmatismo, mas também não olvidar as necessidades reais dos indivíduos dentro de seu contexto cultural, ensinar o Francês com entusiasmo e competência, conscientes de sua eterna função de investigadora/or da educação brasileira.

Com a inserção dos licenciando-bolsistas no cotidiano escolar da escola pública, esperamos estabelecer um diálogo profícuo e eficaz sobre os saberes produzidos pela prática e os saberes acadêmicos produzidos pela pesquisa acadêmica. Que elas/eles percebam e



contribuam para diminuição do machismo, sexismo, homofobia, transfobia, racismo dentre outras formas de discriminação dentro do espaço escolar. Dentro de uma perspectiva acional, esperamos que as/os licenciandas/os possam perceber que o ensino/aprendizagem do Francês preparasse pela dimensão eminentemente comunicativa desdobrando em competências a serem adquiridas durante o processo. Entendemos que essas vão além do linguístico: competências discursivas e sociolinguísticas são levadas em conta também as competências socioculturais e sociais. Dentro dessa dinâmica esperamos que os licenciando se mobilizem, se enxerguem como sujeitos implicados na Educação brasileira para exercício de sua profissão docente.

Este projeto tem por objetivo:

- Inserir os bolsistas no cotidiano escolar da escola pública e desenvolver o espírito crítico sobre as práticas docentes.
- Criar práticas pedagógicas que plurais, distantes do eurocentrismo, do androcentrismo, da cisgenderidade hegemônica, da heteronormatividade e do sexismo.
- Incentivar o Ensino do Francês Língua Estrangeira no Brasil dentro de uma perspectiva plurilinguística.
- Perceber que culturas múltiplas fazem parte do universo da Língua Francesa e não apenas os países hegemônicos economicamente.
- Entender e analisar os diversos procedimentos didático-metodológicos para o ensino de Línguas estrangeiras.
- Incentivar o espírito de investigação e pesquisa para a elaboração de aulas Francês.
- Estreitar as relações entre a Universidade e a Escola Pública, trazendo novos aportes para reflexão e o exercício da profissão docente.
- Desenvolver o interesse nos bolsistas da participação em congressos e elaboração de textos acadêmicos das experiências vivenciadas no projeto.
- Contribuir para a expansão do ensino do Francês na escola pública
- Criar e organizar materiais didáticos para o ensino do Francês e disponibilizá-los para outros professores da área.
- Mobilizar as/os nossas/os bolsistas de Iniciação à Docência (ID) para o exercício da profissão docente, algo que desperte realmente nele o interesse pela profissão.

Pretendo aqui mostrar parcialmente uma parte da pesquisa desenvolvida no Programa, ou das pesquisas como explicitarei logo mais o uso do plural. Sabendo que há uma grande ação



geradora de outras ações em seu entorno: “A Oficina de Língua Francesa”. São oferecidas oficinas de aquisição da Língua Francesa, nível básico, para alunas e alunos do colégio onde está instalado o Programa PIBID-Francês e também para pessoas da comunidade do entorno interessadas no projeto. Saliento, desde já, que a maior parte de participantes externos é formada por senhoras com mais de cinquenta anos de idade. Temos a preocupação dentro do projeto de além da formação docente, observar e analisar o seu processo; aqui se configuram algumas das pesquisas realizadas e/ou em curso. Dentre os temas investigados estão: o ensino/aprendizagem de Francês para Terceira Idade (TCC já concluído); PIBID como formador de professoras/es de LE; Gênero, Sexualidade e Raça na elaboração e uso de materiais didáticos no PIBID Letras- Francês, Percepções sobre o uso de materiais didáticos pelos discentes, Percepções sobre o uso de materiais didáticos pelos docentes; estas últimas em curso; gerando o produto final: monografias de conclusão de curso. As pesquisas desenvolvidas dentro do PIBID-Francês são oriundas de ações realizadas pelos participantes do programa, o que me permite dizer que estão dentro da metodologia da “Pesquisa-ação”. As pesquisadoras/or são participantes, mas não são meros observadores, o que justificaria outro tipo de metodologia qualitativa, “... uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema de observação.” (THIOLLENT, 2011, p.21). O autor ainda diz que ela não pode ser uma “ação trivial”, ela deve ser problematizadora, merecedora de investigação. No caso, da pesquisa aqui parcialmente mostrada, trata-se de verificar o processo de letramento docente nas questões referentes à sexualidade, gênero e raça na elaboração de materiais didáticos para o ensino do francês.

A equipe do projeto PIBID Francês é formada por cinco bolsistas PIBID (quatro alunas e um aluno), uma supervisora, da área do inglês; por falta de professora/or de francês na rede e um coordenador, no caso o autor desse texto. No ano de 2016, foram substituídas duas bolsistas por causa da conclusão da graduação. No início do projeto havia uma supervisora de francês, mas ele teve que abandonar o projeto por questões pessoais, sua permanência foi apenas de quatro meses no projeto.

Do ponto de vista de classe social o grupo é composto por pessoas oriundas das classes populares, pobres, moradores da Baixada Fluminense ou da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, exceto o coordenador do projeto, paulistano de origem. Também cabe ressaltar que tanto eu como a coordenadora, devido à mobilidade social, pertencemos hoje a



chamada classe média alta. Isso significa pontuar que as bolsas pagas pela CAPES são uma fonte de renda expressiva para o grupo de alunas e aluno. Na categoria raça social, podemos dizer as ações do projeto ajudaram na afirmação identitária de uma bolsista e do único bolsista, por serem frutos de relações inter-raciais. Eles tinham dúvida sobre como se autodeclarar racialmente. No caso, a negritude se impôs para a aluna e o lado indígena foi assumido pelo bolsista do projeto, ou pelo menos, seu lado “caboclo”, assim ele se define. Nas declarações quanto à orientação sexual, somos dois gays (eu e o aluno – “fora do armário”), uma lésbica e quatro heterossexuais (incluindo a supervisora). Também devemos observar que, tanto as discussões no processo de elaboração de material didático e seu uso, quanto nos estudos de textos referentes à Raça, Gênero e Sexualidade na Educação, colaboram muito na autoafirmação, sobretudo das homossexualidades e da negritude. Do ponto de vista religioso, somos duas evangélicas, duas católicas-não praticantes, uma ateia, um agnóstico e um budista (eu, no caso).

Um dos maiores ganhos do programa para os cinco bolsistas ID tem sido a o da elaboração do material didático das oficinas de ensino de francês, visto que cada bolsista tem a oportunidade e o dever de elaborar suas aulas, sempre contando com a ajuda do grupo todo, incluindo supervisora e coordenador. Nessa elaboração, os bolsistas vêm tentando trabalhar fora dos estereótipos, principalmente no que concerne aos personagens que surgem dentro de cada contexto situacional usado nos materiais. Sabemos que os “métodos” propostos pelas grandes editoras internacionais, são elaborados para atingir seus interesses comerciais, com um público alvo bastante restrito (SILVA, 2008), Por isso, tenta-se expor sujeitos diversos: negros, brancos, pobres, ricos, heterossexuais, homossexuais, transexuais, gordos, magros, cristãos, mulçumanos etc, pessoas que nem sempre (ou quase nunca) aparecem nos materiais didáticos de língua estrangeira e, espera-se que dessa forma, que os alunos e alunas das oficinas percebam a diferenças e se sintam de alguma forma representadas ali. A supervisão tem sido de grande importância para que fossem mostrados os caminhos para a realização e o aperfeiçoamento desse material, quinzenalmente ocorre um encontro para falar sobre elaboração de material didático entre bolsistas e coordenador. Dentro desses encontros são debatidos temas para o melhoramento de materiais já usados e exposição de ideias para materiais futuros. O PIBID Francês UFRJ ainda vê nessa elaboração uma forma de aperfeiçoamento da língua estrangeira por parte dos bolsistas de ID, já que é também um momento onde a revisão gramatical e lexical da língua francesa pode ser feita para depois ser ensinada durante as aulas.



O que eu investigo aqui é processo dessa formação docente dentro do Programa PIBID-Francês, através da ação de elaboração e uso de material didático usado na Oficina de Francês. Acreditamos que essa formação se dá por fontes diversas que compõem o que Tardif (2009) nomeia como “saberes da docência”. Através desses diversos saberes os bolsistas ID do Programa reconstroem de maneira diferenciada suas perspectivas pedagógicas. Se por um lado, os “saberes profissionais”, oriundos da pedagogia, colaboram para didática; se faz necessário os “saberes disciplinares”, o conhecimento e domínio da língua francesa para produção do material. No entanto, em muitos momentos os métodos e técnicas oriundos dos “saberes curriculares” se fizeram presentes para a confecção de um material que fosse sequencial, com certa progressão na aquisição dos conhecimentos, sejam eles linguísticos, socioculturais ou um *savoir-faire* ou *savoir-être* pertinentes à aquisição da Língua francesa. Mas foi nos “saberes experienciais”, aqueles adquiridos no exercício da docência, que se evidenciaram as angústias, os acertos e afirmação da docência.

Em um primeiro momento, logo no início do projeto, as bolsistas e o bolsista confeccionavam materiais didáticos em forma de colagem e muito próximos dos materiais encontrados nos livros didáticos de Língua Francesa: com a predominância de personagens brancos heterossexuais de discursos masculinistas, e na perspectiva do ensino estrutural de Língua (ensino gramatical).

Conforme as proposições previstas no projeto de se discutir Africanidades na aplicação da lei 10.639(GOMES, 2009), foi criada a personagem central e catalizadora de outros materiais que levassem em conta as diferenças de raça, classe, sexualidade, gênero. Acredito que essa personagem, Urbi, refletia também um pouco o orgulho da maioria das pessoas que compunham o programa: negra, de origem beninense mulher, jovem, francófona e empoderada. Não podemos nos esquecer da relação cultural estreita existente entre as culturas brasileira e beninense.

Através da Urbi, foram surgindo outros personagens: seu primo gay e namorado que adotaram uma criança; o aluno refugiado, a garota gorda empoderada etc. Sem perder a noção de que se tratava de um curso de francês, a elaboração do material surgia após longas discussões teóricas e pessoais sobre os temas. Em nenhum momento as subjetividades dos pesquisadoras/as foram consideradas irrelevantes.

Em alguns momentos faltava segurança por parte dos bolsistas, nem tanto na



elaboração do material em si, mas na apresentação e uso dele. Foi o que aconteceu na aula cujo material apresentava o casal gay e seu filho. Apesar de essa aula ter sido dada pelo participante gay, ele e suas colegas vivenciaram momentos de angústia sobre a receptividade do grupo de alunas da oficina, neste caso, o grupo da terceira idade, sobre a apresentação do tema. Somente após o término da aula, que aparentemente foi bem aceita pelo grupo, as pesquisadoras e o pesquisador conseguiram falar mais sobre o material elaborado. Foi também a aula que desencadeou outras propostas não tão comuns em materiais didáticos vendidos pelas editoras. Mesmo assim percebemos que os materiais, ainda que apresentassem temáticas associadas às homossexualidades, gordofobia, negritude, ainda assim, era dentro de um enquadre de classe média francesa escolarizada. Os gays estavam casados, “comportados”, não se trava de pessoas realmente à margem da sociedade civil. Em nossas discussões ficamos surpresos pelo quanto os discurso hegemônicos de sexualidade, classe e raça ainda predominavam em nossos materiais. Buscamos hoje construir um currículo que saia dessa perspectiva, que seja mais “queer”, que os estranhamentos, por ele provocados, sejam no mínimo nossa meta (LOURO, 2013). Fora da heteronormatividade, fora da branquitude hegemônica, fora dos padrões de bela impostos, fora das perspectivas de um mundo burguês comportado. Queremos estranhar, mas para isso temos nos estranhar também.

Uma pedagogia e um currículo queer se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, em que as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção de diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocarem em discussão as formas como o “outro” é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar do lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria *dentro*, integrando e constituindo o eu. (LOURO, 2013, pp. 49/50)

#### Referências:

BUTLER, J. **Problemas de Gênero** – feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. “Sujeitos do sexo/gênero/desejo” In: **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Pp.17-60

\_\_\_\_\_. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’” In: **LOURO, G.L. (ORG.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013. Pp. 151-172.

GOMES, N. L. Limites e possibilidades da implementação da lei 10.639/2003 no contexto das





COM A DIFERENÇA TECER A RESISTÊNCIA  
3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero  
10 a 13 de outubro de 2017  
Campina Grande, Paraíba.



políticas públicas em educação. In: PAULA, M.e HERINGER, R. (ORG.) . **Caminhos Convergentes, estado, sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Heinrich Büll Stiftung, 2009. Pp. 39-74. .

HOOKS, B. “ Pedagogia engajada” **Ensinando a transgredir – a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013. Pp.25-36

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação** – uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KLEIMAN, A.B. “Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna”. **In: Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008.

SILVA, S.L.B. **Masculinidades e Feminilidades dentro dos Manuais do FLE ( Francês Língua Estrangeira): das visões sexistas às relações de gênero**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008.

TARDIF, M. “O saber dos professores em seu trabalho” **In: Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. Pp. 29-111.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.